

# Arlequim

prese



## Crítica Música

### Arlequim ao alto

**Arlequim** de Stockhausen  
Étienne Lamaison, clarinete  
Antoine Juliens, encenador  
Lisboa, Teatro Taborada  
26 de Abril, 22h  
(repete hoje, às 17h)  
Sala a um terço da lotação

#### MANUEL PEDRO FERREIRA

Na Costa do Castelo, dominando a cidade de Lisboa, o mimoso Teatro Taborada acolhe o "Arlequim" de Karlheinz Stockhausen, ensanduichado entre uma interessante exposição de

#### EM RESUMO

Uma actuação de rara exigência, um espectáculo para a imaginação

gravura e um bar de fantásticos horizontes. O "Arlequim" em questão é uma peça para clarinete solo, de 1975, dedicada a Suzanne Stevens, que, a partir de 1974, foi a destinatária de muitas outras obras do compositor alemão. Em rigor, não se trata de uma peça para clarinete, mas de uma peça para clarinetista desdobrado em actor (entre o mimo e o dançarino). Em suma, é uma peça de teatro musical. As exigências postas ao intérprete são grandes, quer musicalmente, quer fisicamente. Isso é claro logo no início, quando, surgido da bruma, se nos depara uma espécie de derviche rodando sobre si próprio, que toca ininterruptamente, graças à respiração circular, um trilo agudo. As indicações cénicas de

Stockhausen são, neste como noutros casos, suficientemente explícitas, mas isso não se aplica a grande parte das situações, pelo que a colaboração de um encenador se torna recomendável. Deste modo, o trabalho do clarinetista Étienne Lamaison viu-se amparado pela experiência cénica de Antoine Juliens. O desafio estava em captar a visão que Stockhausen imprimiu ao seu "Arlequim", avivando-lhe os contornos; naturalmente, nesse desafio há uma larga margem de subjectividade. O compositor desdobrou o personagem em diversas cenas, que ora lhe desenham uma faceta típica (de sonhador, de apaixonado...) ou o colocam numa situação lúdica (caricaturando um professor pedante, ou ensaiando passos de dança). Na dança do Arlequim, segundo a partitura, os movimentos dos pés são associados, de forma elaborada, ao ritmo das

frases musicais, o que evoca um pouco a flauta de êmbolo do palhaço pobre; já a transposição, para o domínio dos registos melódicos, deste paralelismo entre som e movimento, embora seja difícil de resistir, resulta algo distractiva.

Porém, na generalidade a coreografia e o cuidado desenho de luzes servem bem a música, cuja temporalidade é extremamente distendida, com uso judicioso dos silêncios, e que ganha na associação à gestualidade um sentido insuspeitado para o recurso a técnicas contemporâneas (barulho de chaves, multifónicos), no que é ilustrativa da deriva "pós-moderna" de Stockhausen. Étienne Lamaison foi o intérprete ágil, convincente, tecnicamente admirável que o compositor imaginou, servindo a obra com todo um saber destilado em suor (para o próprio) e uma enorme frescura (para nós, espectadores).

# Açoriano Oriental

O mais antigo jornal português

Fundado em 1835

por M.A. de Vasconcelos

MÚSICA STOCKHAUSEN NA ACADEMIA DAS ARTES

## Contar uma história através do clarinete

O MusicAtlântico abriu com uma peça experimental que é uma demonstração do potencial do clarinete

RUI CABRAL  
AÇORIANO ORIENTAL

O clarinetista francês, Etienne Lamaison, abriu com a sua interpretação do "Arlequim", uma composição do alemão Karlheinz Stockhausen, o Festival MusicAtlântico 2003, na Academia das Artes, em Ponta Delgada.

O Arlequim é um personagem da antiga comédia italiana, alguém que muda de opinião a todo o instante e que congrega em si próprio diversas qualidades, umas positivas, outras negativas. A interpretação que

Stockhausen fez do Arlequim, através de um conjunto de "quadros" (ele é o lírico amoroso, o professor autoritário, o dançarino apaixonado, entre outras), é, ao mesmo tempo, o pretexto para um experimentalismo sonoro, que põe à prova a capacidade que o músico intérprete tem de extrair do clarinete toda a sua potencialidade.

Foi isso que Etienne Lamaison fez na noite de sexta-feira na Academia das Artes, desde as prolongadas espirais sonoras envolventes do início da peça, até aos pequenos sons dispersos (conversas com o público, gritos de ave) que marcaram alguns quadros do "Arlequim". Esta é uma peça particularmente difícil porque, ao mesmo tempo que exige do músico um grande esforço com o instrumento, obriga-o ainda a fazer todo um trabalho de mímica, que o torna



Arlequim Etienne Lamaison: teatro e música na Academia das Artes

também num actor. Etienne reconheceu ao Açoriano Oriental que esta peça é difícil por causa disso, mas ao mesmo tempo também aliciante, na medida em que esta duplicidade lhe abre caminho para uma libertação da partitura e, principalmente, da coreografia, permitindo-o "assumir" naquela hora de concerto e por inteiro o personagem do "Arlequim". Etienne

Lamaison já apresentou o "Arlequim" em vários espaços, desde teatros a um castelo. Em qualquer das situações o seu encenador, Antoine Juliens, teve de adaptar a coreografia e as luzes ao espaço. Na Academia das Artes, os dois enaltecem a possibilidade de comunicação com o público que o espaço proporcionou, apesar de faltar algum equipamento de luz.



*et avant...*

## Automne 2002 *Musiques de Funambules*

Sur le thème "Musiques de funambules", le programme était proposé à l'occasion de l'année du cirque. Éric Satie, Darius Milhaud, Thierry Pécou ont illustré la Parade. L'esprit danseur était évoqué par l'*Arlequin* de Stockhausen interprété par le clarinettiste **Étienne Lamaison** dans une mise en scène de **Antoine Juliens**.

Les musiciens du voyage, par les voix de l'**Ensemble Tékaneli** de Perpignan, ont présenté des "Chants Sacrés Gitans" devant un public enthousiaste.

Le Violoniste britannique **Daniel Hope**, accompagné de **Jean-Pierre Armengaud** au piano nous parlaient des "danseurs de corde" sur des musiques de Ravel, Prokofiev et Sofia Goubaidouline.

Enfin le dernier concert, donné par le **Quatuor Danel** évoquait le fil cassé ou les musiques inachevées, illustrées par Schubert, Lambson, Lekeu et Beethoven.

## Automne 2001 *Les Jardins de la Musique*

Les Musiques d'Automne 2001 ont proposé toutes sortes de jardins musicaux :

Jardins de nuit et de lumière, impressionnistes ou symbolistes de la fin du XIXème siècle chez Debussy et Roussel.

Jardins tournés vers la sublimation des sentiments chez Duparc, plus Mallarméens dans "le jardin clos" de Fauré, jardins "suspendus", aphoristiques, cruels et pessimistes chez Schoenberg.

Jardins du jeu et de l'initiation dans le "Trio de quilles" de Mozart, jardin du fantasme romantique et post-romantique dans les "Märchenersâhlungen" de Schumann, le célèbre quintette de Schubert et les pièces rustiques d'Arenski.

Jardins de la Passion dans "les Nuits Transfigurées" de Schoenberg, jardins philosophiques des "Métamorphoses" de Richard Strauss, jardins andalous décrits dans les chants sacrés et les noubas d'Algérie.

Quelques jardins contemporains ont fait découvrir des oeuvres en création, "Le jeu des contraires" de Dutilleux, "l'Ancre" du compositeurs franco-suédois André Chini, "In Nomine" de Pascal Dusapin et "la Partita" de Gidéon Klein, tragiquement disparu au camp de Terezin.

Les interprètes avaient pour nom **Michel Portal**, **Gérard Caussé**, **Sophie Fournier**, les chambristes de l'**Ensemble d'Uppsala**, **Beihdja Rhal**, chanteuse algérienne de noubas et **Jean-Pierre Armengaud**.